

# LUZ MATINAL

PERIODICO LITTERARIO, CHISTOSO E MOTICIOSO

Orgão da Sociedade União às Letras



ANNO I

Aracaju, 1.º de Junho de 1882.

NUMERO 1

## Luz Matinal.

Aracaju, 1.º de Junho de 1882.

Na patria gloriosa de Alvares de Azevedo, de Junqueira Freire, de Castro Alves e de muitos outros cultos immortaes na historia litteraria do nosso paiz, e finalmente no mundo, a creanga que desperta no berço da instrucção concebe em sua alma, ainda tenra, uma dourada esperanza, que lhe fortalece o corpo e ennobrece o espirito. E' a gloria que entre as cortinas do Oriente, envolta em raios de luz, sorri á terea, como sempre, voluptuosa e bella.

Vai depois o astro do dia caminhando para o occidente, e a natureza, como que sorri nesta hora, na hora do crepusculo; e ao fresco arfar da brisa, ao sopro rijo do tufão empolado que ruga na floresta, o infante, fitando o infinito azulado, acha bello o painel de esthetica que desenha-se ante seus olhos.

Despontam depois as estrelas. A terra continúa em sua rotaçao silenciosa, como o pensamento, e a alma tenra da creanga, ao ver o céu esmaltado de gottas de luz, cae em um abatimento que transporta a sua alma ás regiões do ideal.

São estas as scenas de encanto que offerece o Brazil, com seu céu anileo puro, com suas matas seculares. E' então que a creanga, que desperta em pleno seculo das luzes, ao comparar a gloria da antiguidade, o apogeo da sociedade

antiga—a guerra—, com a gloria da posteridade, divinamente irradiada, escolhe para a batalha do pensamento uma arma poderosa —o livro—e com ella procura rasgar as cortinas da obscuridade, que a separa do futuro.

Ao contemplar a historia de todas as eras, no silencio do seu gabinete, cujas paginas são quasi todas tinctas com o sangue do genero humano, entrevê um facto estupendo legado á posteridade em pleno seculo decimo quinto.

E' a imprensa, a filha de Guttemberg.

Então pega na penna, e o que escreve, abrazado no fogo da mocidade, larga á imprensa sem importar-se com a risada da população, que exprime a convicção do impossivel, dizendo: Guttemberg e Colombo foram tambem uns loucos.

E' assim que pensamos; e por isso é que a *Sociedade União às Letras* dá á população de Sergipe o primeiro numero da *Luz Matinal*, esperando o acolhimento que todo'sergipano presta aos seus patricios, sem ser este acolhimento a recompensa do que merecemos no presente.

Eis ahí o nosso jornalzinho, escripto por jovens na idade de 15 annos; não podem ser comparados os seus artigos com os de Shakspeare, de Victor Hugo, de Palmeira, etc.

Ahi só vereis, em cada periodo, o desejo ardente de possuirmos as luzes do celebre seculo XIX.

A' critica sincera e justa, cur-

varemos-nos submissos, tomando as suas emendas como sabias lições.

## Noticiario

**Vapor do sul.**—Entrou no dia 28 do passado procedente da Bahia, o vapor nacional *S. Saleador*.

**Eleição.**—Procedeu-se no dia 24 do passado as eleições para cargos na sociedade—União às Letras, cujo resultado foi o seguinte:

Presidente.—Horacio Martins de Almeida.

Vice-presidente.—Luiz de Figueiredo Martins.

1.º Secretario.—Pedro Polyeneto Ribeiro.

2.º Secretario.—Julio Constanção da Silva.

1.º Orador.—Flaviano Fontes.

2.º Dito.—Turibio Fontes.

Thesoureiro.—Agrippino Vieira de Campos.

**Juramento.**—Teve lugar no dia 22 do passado, na Eschola Normal o juramento dos srs. Olynto Rodrigues Dantas e Gustavo Hasselmann, nomeados pelo dr. José Joaquim Ribeiro de Campos, para regerem as cadeiras de latim e allemão.

**Naufragio**—Sabe se por telegramma da ilha Madeira que se afundou ás 8 horas do dia 8 do passado, sete milhas ao norte da

ilha de Porto-Santo, o vapor *Penedo*, da companhia bahiana.

Pereceram o piloto, o 1.º machinista e dous foguistas.

----

**Tunnel.** — Está concluída a perfuração do grande tunnel de S. Gothardo.

O trajecto da experiencia que se fez deu bons resultados.

O tunnel tem 15 kilometros.

----

**Jubilação.** — Acaba a instrucção secundaria de Sergipe de soffrer uma lamentavel perda. No dia 13 do corrente o sr. professor Antonio Diniz Barretto, a par dos seus serviços revelantes que tem prestado a instrucção, recebeu do sr. dr. Ribeiro de Campos, a sua justa jubilação.

Deixou na Eschola-Normal vaga a cadeira de latim que durante 36 annos preencheu com intelligencia superior e proficiencia na materia, ensinando á mocidade sergipana as bellas da lingua de Cicero e Virgillio.

E' justo que o professor Diniz depois de tantos annos de magisterio, descance no seio de sua familia.

Os seus discipulos fazem votos de alma ao Creador para que s. s. goze de tão grata remuneração.

----

**Fallecimento.** — Acaba de ser theatro de uma scena tristonha a cidade de S. Salvador.

Baixou ao tumulo o intelligente batalhador litterario, sr. Bellarmino Barretto.

A imprensa, esta alavanca poderosa da liberdade, a filha querida de Guttemberg, acaba de soffrer uma perda incomparavel.

A sepultura, este lugar pavoroso, serve presente e eternamente de morada para o corpo do sr. Bellarmino Barretto.

A Bahia chora um filho illustre que perdeu; a imprensa, soluça

nas questões litterarias, esta perda, das quaes era batalhador dedicado; e a sua familia prosta-se reverente ante o seu tumulo.

Sua exma. familia, a Bahia e a imprensa, recebam os nossos pezaumes.

## SECÇÃO AVULSA

### Idéas soltas.

A sociedade depende das mulheres; todos os povos que têm a desgraça de encerral-as são insociaveis.

*Voltaire.*

\*\*\*

A religião é a cadeia de ouro que liga os homens e a terra ao throno do Eterno.

\*\*\*

A felicidade assemelha-se a rosa do pudor que murcha apenas se toca.

\*\*\*

O amor é a mais forte de todas as paixões, por isso que ataca ao mesmo tempo o coração, a cabeça e o corpo.

*Voltaire.*

\*\*\*

O amor é como o medo, faz crer em tudo.

\*\*\*

O valente conhece-se nos combates, o sabio na contradicção, e o amigo na adversidade,

\*\*\*

Une imagination puissante, une sensibilité vive sont les deux âmes de la grande poésie.

*Villemain.*

\*\*\*

O povo é o infinito da terra; Deus é o infinito dos céos.

*Lopes Trovão.*

\*\*\*

A nossa vida é um sonho; o acordar é morrer.

*Amorim.*

\*\*\*

A liberdade é o ar respiravel da alma humana.

*Victor Hugo*

\*\*\*

Não ha cousa mais depreciada e invejada do que a gloria litteraria.

\*\*\*

O impossivel é uma chimera perante a razão e o braço do homem.

\*\*\*

O berço e o tumulo são os dous mais espaçados aphellos da existencia; o berço é o rubro horizon te do arrebol da vida; o tumulo o sol posto das esperanças no eterno dormir.

## COLUMNA DO RISO

Um pintor pediu á um amigo que lhe desse assumpto para um quadro que queria expor. « A surpresa de Holophernes quando acordou e viu-se sem cabeça », responde o amigo com toda naturalidade.

+

No tribunal um marido accusa a esposa de adulterio.

Que idade tem? pergunta o juiz ao marido: quarenta e sete annos.

E' falso, grita a accusada, tem 62 feitos... mente para diminuir as circumstancias attenuantes a meu favor.

+

Dous padres convencionaram fallar sempre em latim, um ao outro.

No meio de uma conversa expirra um delles.

O outro torna-se muito pensativo.

No que está pensando v. rvm.? pergunta o que expirrou.

Homem, esqueci-me agora como se diz—*dominus tecum* em latim.

+

O senhor entra sempre tarde, dizia em tom de reprehensão certo chefe de repartição á um subalterno.

E' verdade, excellentissimo; mais em compensação sou o primeiro a sair.

+

No bond.

Se não lhe causa desarranjo, obsequie-me muito não lendo tão alto.

Deixarei então de ler.

Não, senhor, leia, mais baxinho, só para si.

De que me serve? Se eu lêr baixo não ouço.

+

Perguntarão uma occasião á Calino:

Que animal era o mais semelhante ao homem?

Depois de uma breve reflexão elle respondeu: E' o Inglez.

## LITTERATURA

### Um rosto ao luar

Eu vagava a noite meditativo pelo meio do povo que turbilhonnava. Era bem tarde. A lua já pendia para o lado do occidente derramando fluvo toque de luz. As dispersas estrellinhas, qual bandos d'aguas doudejantes pelo espaço mostravão as grandezas de Deus; o poder magico de seu braço que estendendo-se atravez dos espaços ethereos veio trazer na mão um facho de luz com que despertou o nada.

O mundo era um barathro, um abysmo sem fundo! porem Deus disse: Faça-se a luz, e desdobram-se ovantes milhões de fachos rutilantes, como nos confessa a historia.

E' esta a noite do poeta em que fitando a lua na concha celeste, com o q' a sua alma vòa fendendo

os ares, passa os Andes, e eleva-se a sua solitaria companhia que parece resvalar topetando na abobada anileta do infinito.

Eu amo a noite porque é silenciosa, como o pensamento, adoro a lua que namora o lago da solidão, porque é tristonha. Serão maiores poeticos?

Não, são lembranças da infancia desse arrebol da existencia que brilhou um momento na immensidade, dissipando-se depois com o meteoro do pensamento! Eu seguia, pois, a terra em sua rotação silenciosa, como o fresco aneio da brisa, a margem de um regato que suspirava.

Em fitando a lua no firmamento tão bella e radiante, eu sentia um apaixonamento, pelo bello! O homem que medita é o homem que sente. E eu sentia tudo em minha alma, lembrava-me do passado, sonho de delirio; fitava o presente tristonho como a moribunda lampada do santuario da meditação, prophetisava o futuro, talvez tristonho como o presente. Foi nesta hora de langor que eu apercebi um vulto ao longe que, como eu fitava a lua—retrato da tristeza.

Era um vulto de mulher bella como Beatriz decantada por Dante; tinha um sorriso nos labios um olhar de matar. Meu coração pulsava acceleradamente e minha alma soltava uns vagidos de criança. Fraco e forte ao mesmo tempo o amor havia transformado o meu ser e eu sentia-me forte.

No horisonte do futuro broxuleou umoz luz; a mão que a accendeu foi a mão do amor. Depois, quando Venus derramava lagrimas de fogo sobre a terra eu ainda via a miragem da mulher divinal, do anjo do ideal dos meus sonhos.

Havia desaparecido e sua imagem ficava commigo.

5 de Abril de 82.

J. P. S. LEITE.

### Sonhando.

Que mimo, que rosa, que filha de Deus!

A. de Azevedo.

(INSPIRADA SOBRE UMA PAGINA DO MESMO COM O MESMO TITULO.)

Existe ainda uma estrellla no céu. E' Venus que chora na amplidão derramando á terra lagrimas de fogo.

Eil-a só no espaço; as outras já se foram. Vae despontando a aurora.

Em breve o astro radiante sacodirá a sua loira coma, a sua ca-beleira ardente; e a natureza toda como que desperta. Serri a aurora no lado do Oriente, como sempre, voluptuosa e bella.

A natureza a esta hora como que recebe um beijo luminoso de Deus. A brisa macia, que resvala mansamente entre os galhos dos jasmineiros em flôr, balbucia um nome grandioso, uma palavra que resume um infinito de grandeza, ou a concentração do universo:—Deus!

O mar sacode o dorso arquejante, qual leão embravecido, arroja-se pela praia, beija a areia, e ao quebrar-se da vaga soluça:—Providencia!

O doirado céu contempla os viventes e nessa hora de innocencia, de amor, de vida, derrama sobre suas cabeças bençãos, sorrisos e flores!

Não é uma exaggerada hyberbole. Quem é que ao ver tão bella a natureza, tão fresca a brisa, tão corado o horisonte, não sente um arroubo, um extase, e neste delirio não exclama como a vaga, não soluça, como o mar:—Deus!?

Esta hora é a poesia da natureza, assim como o progresso é a poesia da humanidade.

Innocente como a creança é neste momento o hymno stridulo do tufão!

Como tudo está bello!

A vida não é a vida, porque ella é um martyrio; a vida neste ins-

tante é um sonho. E' um delirio: tudo delira!

Esta praia tão lisa e tão alva, tem a mesma inspiração, talvez, que o mar, ao ver a placidez celestial do infinito!

Esta nevoa que cai formando dispersos montículos, é o symbolo da innocencia, tão alva e tão pura!

Parece que a natureza dormia, e acorda-se agora, jogando para longe de si o seu lençol—a nevoa!

Expraiemos a vista no mar e na costa. Um, irritado, como eu o gosto de ver, affrontando com os seus rugidos a colera do Averno, sacudindo o dorso espumante, que pésa sobre o planeta.

Outro, a praia é quieta, lisa, alva...

Aquillo, porém será a nevoa? Approximemo-nos. E' alva como ella, innocente como o respirar da creança que jaz adormecida, bella como a aurora.

E' uma virgem. Será do céu? Algum anjo perdido do paraizo que vaga errante sobre a terra?

Seus olhos despedem chammas. Caminha de leve sobre a praia, deixando o seu alvo roupão roçar na areia já tantas vezes beijada pelo mar!

A louca vaga vem beijar os seus pequeninos pés; e temendo tão grande profanação, recua, ruginho de arrependida!

Meu Deus, pára algum anjo sobre a terra errante? Com esses olhos negros que despedem chammas? Com esse andar tão macilento e triste?

Nada me responde: o azul do céu corava cada vez mais e a virgem que eu fitava, fitava também immovel o oceano, que regorgitava a seus pés sem ver a vaga que ensojava o seu roupão! sem ver a Aurora loura que despontava! sem n'uma palavra, soletrar no infinito a sublime poesia da natureza—Deus.

Decorreram-se momentos.

A nevoa continuava a cair. Fitava as flores que Deus derramava sobre a terra dos rotos seios do espaço; e quando olhei o mar, não vi a virgem na praia, a mulher divinal, que não sorria, que talvez não habitasse, como eu habito neste mundo de chiméras que talvez como eu, sentisse que a vida é um martyrio, que a campa é a unica realidade do mundo, desde que damos o primeiro sorriso ao berço para a mulher martyr que o mundo denomina mãe!

Quem sabe! Ha na vida tanta vã esperanza, tanto sonho sem realidade tanta dôr sem lenitivo! ...

J. P. S. LEITE.

### Avante!

HYMNO OFFERECIDO À SOCIEDADE  
UNIAO AS LETTRAS.

Mocidade, aurora é bella!  
Uma voz sublime então  
As canções do Creador!  
Guttemberg, caminhando,  
Vem no mundo soletrando  
Os nomes todos de amor!

Avante, moços! avante!  
Os sons das lettras mostrai!  
Da corte á selva obscura  
Aos quatro ventos, cantai!

O céu se abraça com a terra!  
A' brisa pede o arrebol  
Das flores grato perfume!  
Desponta o sol e se agita,  
Immovel, mostra a infinita  
Lei sublime, lei do Nome!

E' Newton quem vê pensando,  
O terno abraço de Deus,  
As bellasas do arrebol!  
E' Galileu, persistente,  
Quem olha, quem vê, quem sente,  
A immensidade do sol!

D'atmosfera abrasada  
Vêde as chispas, que, rolando,  
Vem perder a intensidade!...  
Porque Franklin tem correntes,  
Onde esfriam raios quentes,  
Que dispõe a immensidade!

Era o mundo um cahos de horror:  
Fez-se a luz, a luz precisa  
Para ver-se a criação!

Mas depois um alphabeto  
Descobriu-se, que, completo,  
Vae mostrando outro clarão!

Cada lettra é foco immenso,  
Que reflecte luzes mil,  
Em pharóes esplendoresos!  
—A razão, a liberdade,  
O amor, a eternidade  
São seus raios luminosos!

Mocidade, a luz é santa!  
Vêde a imprensa que illumina  
Todo o mundo a um só clarão!  
Onde pára Guttemberg  
Mais um vulto augusto s'ergue,  
Soletrando, —illustração!

—Avante, moços! avante!  
Os sons das lettras mostrai!  
Da corte á selva obscura,  
Aos quatro ventos, cantai!  
18 de Maio de 1882. \*\*\*

## ANNUNCIO

### ASSIGNATURAS

#### NA CAPITAL

Semestre . . . . .	2\$400
Trimestre. . . . .	1\$300
Mez . . . . .	500
Folha avulsa . . . . .	300

#### FORA DA CAPITAL

Semestre . . . . .	3\$000
Trimestre . . . . .	2\$000

#### PAGAMENTOS ADIANTADOS.

A redacção da *Luz Matinal* accenta todos os artigos litterarios que lhe sejam enviados pelos assignantes, e os publicará gratuitamente, desde que os julgue convenientes.

Não se publicam artigos de politica.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção, á rua de Japarutuba n.º 21.

Typ. da «Gazeta do Aracaju» Rua de Itaporanga numero 20.